

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS CURATORIAIS

Adriano Sempé Pedroso

**MUSEU BALDIO:
ARTE, ATIVISMO E UTOPIA**

Porto Alegre
2022

ADRIANO SEMPÉ PEDROSO

**MUSEU BALDIO:
ARTE, ATIVISMO E UTOPIA**

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Práticas Curatoriais.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Bruna Wulff Fetter

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

PEDROSO, ADRIANO SEMPÉ
MUSEU BALDIO: ARTE, ATIVISMO E UTOPIA / ADRIANO
SEMPÉ PEDROSO. -- 2022.
57 f.
Orientadora: BRUNA WULFF FETTER.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, ESPECIALIZAÇÃO EM PRATICAS CURATORIAIS,
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. ARTE. 2. ARTIVISMO. 3. UTOPIA. 4. MUSEU BALDIO.
5. PARQUE DA SOLIDARIEDADE. I. FETTER, BRUNA WULFF,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho é fruto do apoio e auxílio de muitas pessoas. Sendo assim, agradeço:

à minha família, da forma mais ampla possível;

à Professora Doutora Ana Maria Albani de Carvalho, coordenadora do curso de Especialização em Práticas Curatoriais. Ao agradecer à sua pessoa, estendo meu agradecimento a todo o corpo docente do curso, pelos ensinamentos e conhecimento compartilhados;

à Professora Doutora Bruna Wulff Fetter, vice-coordenadora do curso e orientadora deste trabalho, por sua incansável, atenta e valorosa participação em todas as etapas;

ao artista visual Marcelo Chardosim, cuja crença em um mundo melhor vem contagiando pessoas e construindo novas realidades através da arte. É graças a ele que este texto existe.

A todas e todos, muito obrigado!

DAS UTOPIAS

*Se as coisas são inatingíveis... Ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!*

(QUINTANA, 1951)

RESUMO

Tendo como ponto de partida a exposição Museu Baldio, realizada na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), no ano de 2021, este texto propõe questões sobre o potencial transformador da arte e a análise de um grupo de artistas e não-artistas que, a partir de processos colaborativos, realiza ações em um ambiente natural denominado Parque da Solidariedade, localizado na cidade de Alvorada, RS. Essas ações têm promovido transformações efetivas, desde 2015, nos bairros adjacentes e em sua comunidade, sejam elas de ordem ambiental, social ou cultural, assim como também as têm possibilitado no campo artístico, gerando tensionamentos e reverberações no próprio sistema de arte local. Tudo isso, por sua vez, culmina na realização da exposição Museu Baldio na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), sendo ela fruto dessas alterações e participando desse processo como uma forma de dispositivo (FOUCAULT, *apud* AGAMBEN, 2005; CARVALHO, 2012), ou seja, como uma estratégia de propagação dos ideais do coletivo, conferindo projeção e visibilidade às ações do grupo que desenvolve e executa as intervenções no Parque. Conceitos como *ativismo* e *participação* serão relacionados ao pensamento de autores como Bishop (2008 e 2011), Rancière (2005), Groys (2017), Kester (2006), entre outros. O texto apresenta um breve histórico e genealogia de dois projetos — Museu Baldio e Parque da Solidariedade — e procura demonstrar a estreita relação existente entre os dois. Uma entrevista realizada pelo pesquisador com o artista Marcelo Chardosim, articulador dos projetos, serve de fonte de informação para grande parte das análises realizadas. O texto traz ainda informações sobre algumas das reverberações percebidas a partir da mostra, sejam as melhorias realizadas diretamente no ambiente do parque, sejam os convites para reflexão e participação em outros projetos artísticos e institucionais. Apesar de os projetos terem sido iniciados e conduzidos com base em utopias, as repercussões alcançadas pela mostra indicam uma resposta positiva para a questão da pesquisa: o potencial transformador da arte.

Palavras-chave: Arte. Ativismo. Utopia. Museu Baldio. Parque da Solidariedade.

MUSEU BALDIO: ART, ACTIVISM AND UTOPIA

ABSTRACT

The exhibition Museu Baldio, held at Casa de Cultura Mário Quintana, in Porto Alegre-RS, in 2021, is the starting point of analysis of this text, which proposes questions about the transforming potential of art. Based on collaborative processes, a group of artists and non-artists performs actions in a natural environment called Parque da Solidariedade, located in the city of Alvorada-RS. These actions have promoted effective transformations since 2015, in the adjacent neighborhoods and in their community, whether environmental, social, cultural, as well as enabling them in the artistic field, generating tensioning and reverberations in the local art system itself. All of this turns up in the exhibition Museu Baldio at CCMQ. The exhibition Museu Baldio is the result of these changes and participates in this process as a form of apparatus (FOUCAULT, apud AGAMBEN, 2005; CARVALHO, 2012), that is, as a strategy for disseminating the public's ideals, giving projection and visibility to the actions of the group that develops and executes interventions in the Park. Concepts such as activism and participation will be related to the thoughts of authors such as Bishop (2008 and 2011), Rancière (2005), Groys (2017), Kester (2006), among others. The text presents a brief history and genealogy of two projects – Museu Baldio and Parque da Solidariedade – and seeks to demonstrate the close relationship between the two. An interview with the artist Marcelo Chardosim, articulator of the projects, serves as a source of information for most of the executed analysis. The text also provides information on some of the repercussions seen from the exhibit, whether the improvements made directly in the park environment, or the invitations for reflection and participation in other artistic and institutional projects. Although the projects were initiated and conducted based on utopias, the repercussions achieved by the exhibit indicate a positive answer to the research's question: the transforming potential of art.

Keywords: Art. Activism. Utopia. Museu Baldio. Parque da Solidariedade.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 — Divulgação da exposição na CCMQ.....	14
Figura 2 — Localização da área do Parque da Solidariedade.....	18
Figura 3 — Cartaz apresentando o Parque Fictício.....	18
Figura 4 — Pórtico da cidade de Alvorada (aprox. 2010).....	19
Figura 5 — Arte panfletária.....	20
Figura 6 — Procuram-se pessoas que gostem de Alvorada.....	20
Figura 7 — Nascente no Parque da Solidariedade.....	21
Figura 8 — Acúmulo de lixo no Parque da Solidariedade.....	22
Figura 9 — Erosão do solo no Parque da Solidariedade.....	22
Figura 10 — Antes e depois do Mutirão de Limpeza I.....	23
Figura 11 — Antes e depois do Mutirão de Limpeza II.....	23
Figura 12 — Antes e depois do Mutirão de Limpeza III.....	24
Figura 13 — Voluntários durante Mutirão de Limpeza I.....	24
Figura 14 — Voluntários durante Mutirão de Limpeza II.....	25
Figura 15 — Voluntários durante Mutirão de Limpeza III.....	25
Figura 16 — Vista interna da exposição Museu Baldio I (vários artistas).....	28
Figura 17 — Vista interna da exposição Museu Baldio II (vários artistas).....	28
Figura 18 — Vista interna da exposição Museu Baldio III (vários artistas).....	29
Figura 19 — Vista parcial da obra "Tecido Rupestre" de Vera Junqueira.....	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCMQ	Casa de Cultura Mario Quintana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ONG	Organização Não Governamental
RS	Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 OS PRIMEIROS CONTATOS COM OS PROJETOS	13
2 GENEALOGIA DAS AÇÕES	16
2.1 Parque da Solidariedade	17
2.2 Museu Baldio	26
3 DA IDEIA INDIVIDUAL À AÇÃO COLETIVA	34
4 ARTIVISMO E UTOPIA	36
5 DA UTOPIA À REALIDADE — REVERBERAÇÕES	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE A — LISTA DE PARTICIPANTES	48
APÊNDICE B — IMAGENS DA EXPOSIÇÃO	49
APÊNDICE C — LISTA DE ENDEREÇOS E LINKS RELATIVOS AOS PROJETOS	54
ANEXO A — LISTA GERAL DE PARTICIPANTES NOS PROJETOS	56

INTRODUÇÃO

Em muitas cidades, especialmente nos centros urbanos e regiões metropolitanas, são frequentes os problemas de degradação ambiental causados pela ação humana: acúmulo de lixo em vias públicas por conta de descartes irregulares, desrespeito aos cursos naturais de água e suas nascentes, derrubada de matas ciliares e vegetação em encostas, entre outras. Tais ações geram transtornos ao funcionamento das cidades e, conseqüentemente, à vida da própria população.

Em Alvorada, cidade da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), não é diferente. Entretanto, há esforços que procuram romper com essa lógica, e um exemplo disso está localizado nas imediações da Avenida Lourdes Monteiro. Quem hoje por ali transita não imagina que, até pouco tempo atrás, parte dessa avenida era utilizada como um depósito de lixo a céu aberto, e que sequer havia calçadas adequadas para o trânsito de pedestres, gerando desconforto e sensação de insegurança em quem por ali passava¹. Atualmente, o cenário é bastante diverso. Além de estar (mais) limpa, a avenida recebeu passeios públicos e, em determinado trecho, muros que delimitam uma extensa área natural pertencente à iniciativa privada². Essa delimitação feita por muros, que num primeiro momento poderia ser percebida como algo negativo, traz, naquele contexto específico, benefícios para a comunidade próxima, pois, do ponto de vista urbanístico e levando em consideração o aspecto da segurança apontado acima, promove a organização do fluxo de pedestres, estabelece limites entre o que é público e privado e, principalmente, possibilita a diminuição da ocorrência de assaltos e agressões, que ali encontravam oportunidade e facilidade devido às características do terreno e da vegetação.

Engana-se, porém, quem acredita que as mudanças realizadas tenham ocorrido por vontade da administração pública ou mesmo pela empresa proprietária dessa área limítrofe. O que parecia ser um problema fácil de ser resolvido pela prefeitura ou pela iniciativa privada, somente começou a mudar após um conjunto de ações artísticas desenvolvidas na cidade,

1 No momento da escrita deste texto, ainda era possível visualizar imagens de satélite através do site Google Maps que confirmam esses dados, apresentando imagens de um passado recente. (<https://www.google.com.br/maps/@-30.040509,-51.0711775,161m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>). Há outros registros de imagens da região com grande acúmulo de lixo, disponíveis no site do Parque da Solidariedade, no endereço <https://oblogdoparque.wordpress.com/>.

2 Trata-se, neste caso, da empresa Habitasul, proprietária da área mencionada no texto.

realizadas de forma autônoma³, diretamente nas ruas, praças e bairros de Alvorada, e também em espaços culturais de Porto Alegre. Entre elas, estão a Exposição Museu Baldio e também o Parque da Solidariedade.

Essas ações serão analisadas sob a ótica dos coletivos artísticos e dos processos colaborativos e participativos em arte, predominando uma ênfase maior na exposição Museu Baldio⁴. A análise aqui apresentada se utiliza de registros documentais, relatos e entrevista feita pelo pesquisador⁵ com o artista Marcelo Chardosim — nascido em Porto Alegre-RS, em 1989, e morador de Alvorada desde o início dos anos 2000 —, idealizador e articulador dessas ações. A perspectiva apresentada é a das práticas artísticas como estratégia para atingir determinados fins. Entre eles, a defesa e valorização do ambiente natural como forma de garantir qualidade de vida à população de uma cidade, neste caso, a cidade de Alvorada. Pretende-se, com essa análise, conhecer um pouco mais a respeito do potencial transformador da arte e dos processos de construção coletiva e colaborativa em arte, em um determinado contexto.

De forma resumida, as questões centrais para este trabalho são: a) Ações artísticas, enquanto ações políticas, têm capacidade de transformar uma determinada realidade?; e b) Qual o potencial transformador de uma ação artística?

Tais questões serão problematizadas através de conceitos como *ativismo*, *participação* e *coletivos de artistas*, e relacionadas ao pensamento de autores como Bishop (2008 e 2011), Rancière (2005 e 2012), Bourriaud (2008), Groys (2017), Kester (2006), Paim (2012), entre outros.

3 A autonomia aqui mencionada, está relacionada à independência dessas ações. Ou seja, são ações realizadas a partir da organização, e sob financiamento, dos próprios artistas proponentes, sem envolvimento com instituições, sejam elas públicas ou privadas.

4 A Exposição Museu Baldio será analisada com o foco direcionado para suas repercussões, em detrimento de seus aspectos expográficos. Neste contexto, enquanto análise, interessa mais observar o que ela atinge a partir de suas ações, do que observar aspectos tais como: artistas, obras, ou a forma como essas obras foram expostas.

5 No momento desta publicação, a entrevista encontra-se ainda em formato de áudio, com acesso restrito ao pesquisador.

1 OS PRIMEIROS CONTATOS COM OS PROJETOS

O interesse neste objeto de estudo — Museu Baldio — inicia em 2021, a partir de uma convocatória pública organizada pelo Núcleo Educativo da Casa de Cultura Mario Quintana⁶ intitulada “Pesquisa Coletiva”⁷. A primeira edição desse projeto possuía como tema “A arte, a natureza e a cidade”. A ideia era compor um grupo de pessoas interessadas em compartilhar suas pesquisas, dúvidas, percepções e interesses no assunto, visando desenvolvimento mútuo. Em um dos textos de divulgação do projeto, lia-se o seguinte objetivo:

Apresentar diferentes métodos, artistas e pesquisadores, para incentivar novas pesquisas, novas obras e novos conhecimentos, a partir desses encontros. Esperamos criar uma rede de pessoas que queiram pensar sobre como essas áreas se atravessam⁸.

O atrativo do assunto se deu em decorrência da trajetória acadêmica do pesquisador, graduado em artes visuais, e por conta da abordagem relacionando arte, natureza e cidade. Apesar da incerteza quanto ao teor dos encontros, a programação indicava que seriam abordados assuntos que contribuiriam para a percepção sobre o uso do espaço público e a problemática dos descartes de resíduos sólidos no ambiente urbano⁹. O primeiro encontro do grupo ocorreu no dia 14 de julho de 2021 e contou com a apresentação de artistas que estavam expondo na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) naquele momento. Foi então que conheci a mostra Museu Baldio e os conceitos e ações realizados a partir do projeto Parque da Solidariedade, localizado na cidade de Alvorada, RS. O artista Marcelo Chardosim participava do encontro como convidado, justamente por ser um dos organizadores dessa

6 Centro cultural multidisciplinar pertencente ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul e localizado no Centro Histórico da cidade de Porto Alegre (<http://www.ccmq.com.br/>).

7 O projeto denominado Pesquisa Coletiva, de iniciativa do Núcleo Educativo da Casa de Cultura Mario Quintana, ocorreu entre 14 de julho e 18 de agosto de 2021, sempre às quartas-feiras, das 18h às 20h. Tratavam-se de encontros virtuais, realizados através de plataformas de reuniões pela Internet. O encontro ao qual me refiro no corpo do texto é o encontro inaugural do projeto, realizado no dia 14 de julho de 2021.

8 Texto enviado pelo Núcleo Educativo da Casa de Cultura Mario Quintana em e-mail de divulgação direcionado ao grupo de participantes, em 13 de julho de 2021.

9 Há aproximadamente uns cinco anos venho observando os contêineres de entulhos espalhados pela cidade, percebendo valor em certos resíduos e coletando objetos e materiais que, para outras pessoas, já não têm nenhuma serventia. Com esses materiais — geralmente madeira, vidro, papelão e plástico — crio objetos artesanais, tais como brinquedos e objetos decorativos. Não se trata de uma produção artística propriamente dita, mas sim de trabalhos que, de alguma forma, tangenciam esse universo criativo. E são esses pontos de contato que motivaram minha conexão com os projetos analisados.

mostra e por estar à frente de ambos os projetos. A exposição Museu Baldio ocorria em dois espaços, localizados no 5º andar da CCMQ — o Espaço Maria Lídia Magliani e o Jardim Lutzenberger — e permaneceu aberta à visita de 22 de junho a 11 de setembro de 2021. (fig. 01).

Figura 1 — Divulgação da exposição na CCMQ



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com

As impressões geradas por este contato inicial com as propostas foram bastante positivas, principalmente em relação à forma como as ações artísticas estavam sendo utilizadas para promover transformações efetivas em uma área natural existente na cidade de Alvorada, próxima à divisa com Porto Alegre. Transformações essas, eminentemente de caráter ambiental: recolhimento e reaproveitamento de lixo acumulado ao longo do perímetro do “parque” e dos cursos de água e nascentes; ações de plantio e reflorestamento; entre outras, tais como: mobilização da comunidade e artistas em prol da constituição desse Parque da Solidariedade — ou seja, torná-lo real; ocupações artísticas no ambiente natural, procurando alertar para as consequências da transformação de toda a área em um novo loteamento residencial¹⁰; e, ainda, a constituição de novos espaços de convivência ou novos espaços

10 A finalidade inicial, projetada pela empresa proprietária da área para aquele ambiente, era a construção de um novo loteamento no local.

direcionados a manifestações culturais na cidade. Mesmo que tenha sido um encontro breve, foi o suficiente para instigar a conhecer mais sobre os projetos.

É relevante mencionar, no que se refere à elaboração deste texto, que trata-se de um olhar externo, de alguém que não vivencia as ações realizadas pelo Museu Baldio, e tampouco frequenta os espaços do Parque da Solidariedade e a cidade de Alvorada. É o olhar de alguém que não participa das ações lá desenvolvidas, e que, apesar de ter visitado a exposição Museu Baldio mais de uma vez, obteve grande parte das informações através de textos e imagens publicados e disponíveis na mídia impressa e eletrônica, em relatos coletados por meio de conversas e entrevistas com artistas, e também em registros disponibilizados pelos organizadores e participantes dessas ações nas redes sociais¹¹ e em um blog/site na internet¹².

11 <https://www.instagram.com/museubaldio/> e <https://www.instagram.com/parquedasolidariedade/>

12 <https://oblogdoparque.wordpress.com>

2 GENEALOGIA DAS AÇÕES

Para melhor entender do que se trata quando se fala em Museu Baldio e Parque da Solidariedade, e por serem projetos bastante interligados, convém apresentar algumas definições e uma breve explanação sobre as origens de cada um.

De acordo com relatos¹³ de Marcelo Chardosim, idealizador dos projetos, as primeiras ações artísticas realizadas — e que posteriormente viriam a ser incorporadas aos registros do Museu Baldio — datam de 2013, tratando-se ainda de ações isoladas, organizadas individualmente, e que naquele momento não vislumbravam a abrangência alcançada pelo projeto em 2021, mas já trazendo em sua gênese a mesma preocupação, de cunho ambiental, artístico e social. Museu Baldio foi um dos nomes utilizados por ele naquele período, no desenvolvimento de um projeto que pretendia a recuperação e preservação de uma praça pública, também na cidade de Alvorada. Como não houve sucesso nessa ação e o projeto não pôde ser realizado, o nome ficou temporariamente esquecido.

Porém, mesmo com eventuais insucessos, permanecia em Chardosim o olhar crítico direcionado aos problemas de sua cidade, ao descaso do poder público com certas áreas do município e à inatividade conformada de seus conterrâneos. E essa indignação foi a motivação necessária para o surgimento de novas ações e novas estratégias em busca de seus objetivos.

Merece destaque o fato de o nome *Museu Baldio* já existir antes mesmo do surgimento da ideia do Parque da Solidariedade, pois o parque surge, em 2015, como uma ação independente e é, posteriormente, incorporado às ações do Museu Baldio. Ao mesmo tempo, Chardosim relata que o Museu Baldio encontra no Parque da Solidariedade as condições ideais para existir novamente, e é então que seu nome é recuperado e passa a existir de fato enquanto um projeto.

A relação entre os dois projetos é significativa. São ações muito interligadas e que, às vezes, chegam a se confundir. O próprio artista e idealizador admite isso durante a entrevista. Mas, o que vai diferenciá-los é algo que ele menciona após ser questionado sobre o que caracterizaria as ações de cada projeto. Na visão de Chardosim, o Parque da Solidariedade é

13 Relatos obtidos pelo pesquisador em dois momentos: o primeiro momento, em um encontro informal durante visita à Exposição Museu Baldio na CCMQ, em 04 de setembro de 2021; e o segundo, durante entrevista realizada pelo pesquisador, em 15 de janeiro de 2022, na cidade de Alvorada, nas proximidades da área do Parque da Solidariedade.

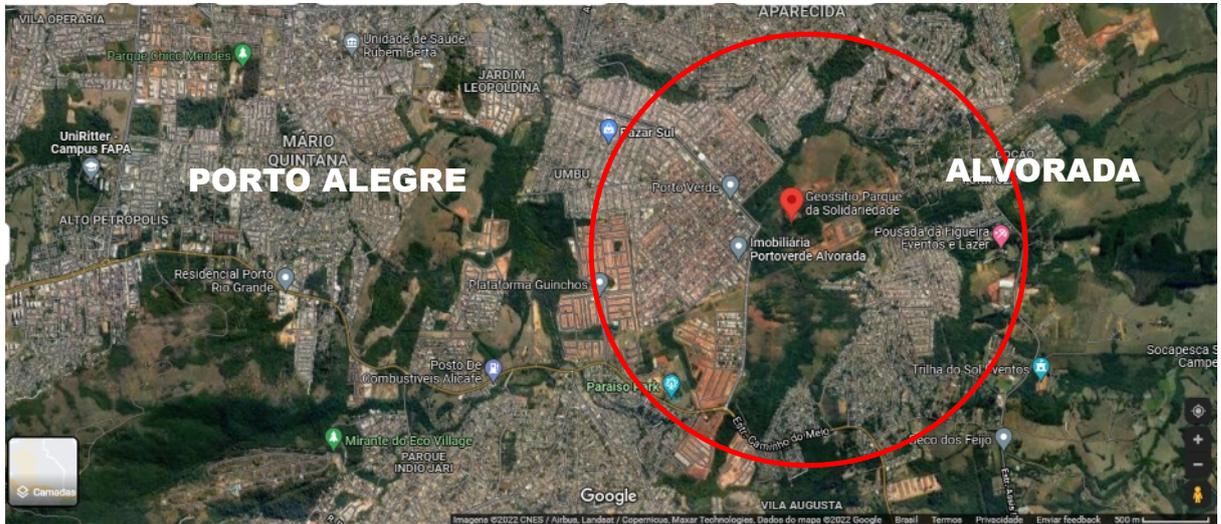
constituído por ações culturais e ambientais, com ênfase na preservação do ambiente natural circunscrito à própria área do “Parque”. Já o Museu Baldio está mais voltado para ações culturais (exposições e intervenções artísticas, projeções de áudio-visual ao ar livre, etc.), que tanto podem ocorrer dentro da área do Parque quanto podem extrapolar esses limites, ocorrendo em outros espaços da cidade ou, até mesmo, em outros municípios. De acordo com o artista, Museu Baldio existe “nas pessoas” (artistas e comunidade) e nas memórias construídas por estas pessoas, assim como nos registros que vão sendo gerados a partir das exposições feitas sob esse nome, enquanto que o Parque da Solidariedade está circunscrito ao espaço físico e ao ambiente natural daquela região.

Essa diferença, segundo ele, repercute inclusive na maneira como cada projeto é percebido, seja pela sociedade, pelo poder público ou pelo sistema da arte. Um exemplo disso está relacionado à forma como propostas submetidas por cada um desses projetos serão recebidas ou absorvidas em editais públicos na área da cultura. É muito mais fácil, segundo Chardosim, um projeto ser aceito quando as ações propostas estão relacionadas ao Museu Baldio do que quando relacionadas com o Parque da Solidariedade. Submeter um projeto em nome do “parque” envolveria questões relativas ao terreno, aos limites físicos, e à noção de propriedade, assim gerando impedimentos em diversos níveis. Já o Museu Baldio, por ser um conceito e um projeto mais abrangente, não circunscrito a uma área ou a uma determinada atividade, permite maior flexibilidade e mais chance de sucesso nessas seleções públicas. E é graças a essa flexibilidade que a mostra Museu Baldio acabou por ser realizada na CCMQ, como poderemos ver mais adiante.

2.1 Parque da Solidariedade

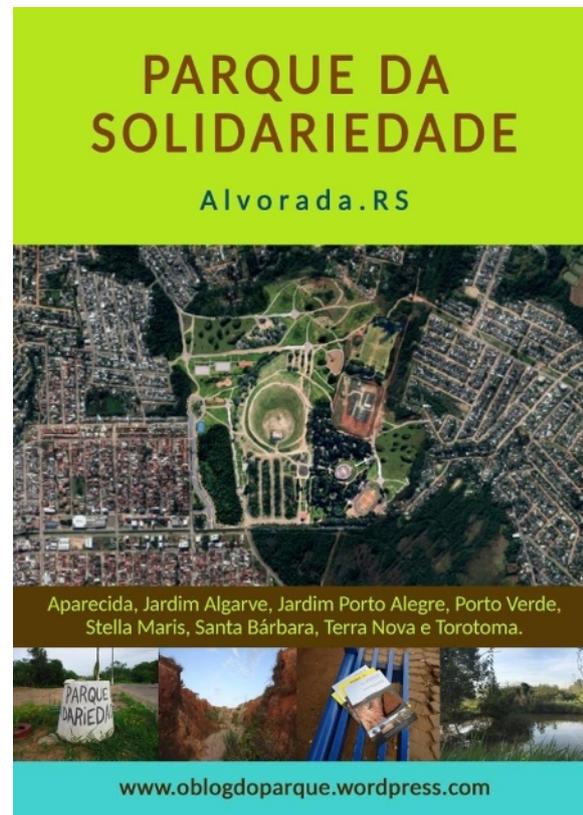
Esse projeto é iniciado em 2015, quando ocorrem as primeiras intervenções virtuais e urbanas, como a fixação de cartazes (realizada pelo próprio artista na cidade de Alvorada), e a propagação, na comunidade e nas redes sociais, da existência (fictícia) de um futuro parque com o nome de *Parque da Solidariedade*. Esse território, pertencente à iniciativa privada, estaria inserido em uma extensa área de cerca de duzentos hectares, localizado ao centro de oito loteamentos (bairros de Alvorada) próximos à divisa entre Alvorada e Porto Alegre (fig. 02).

Figura 2 — Localização da área do Parque da Solidariedade



Fonte: Google Maps
(2022)

Figura 3 — Cartaz apresentando o Parque Fictício



Fonte: Produção do artista Marcelo Chardosim
(2017-2018)

O nome *Solidariedade*, apropriado de uma antiga campanha da Prefeitura Municipal de Alvorada que, em 2011, havia concedido à cidade o título de “Capital da Solidariedade” (fig. 04).

Figura 4 — Pórtico da cidade de Alvorada (aprox. 2010)



Fonte: mapio.net

Esse título, anos mais tarde, causou estranhamento ao morador-artista, Marcelo Chardosim, quando se deparou com dados estatísticos disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os baixos índices de desenvolvimento sócio-econômico e os altos índices negativos, como o da violência, por exemplo, contrastavam com a ideia de “Solidariedade” propagada pela administração municipal naquele outro período.

No *Diagnóstico de Homicídios do Brasil*, elaborado pelo Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública – SINESP, em 2015, o município de Alvorada apresenta os seguintes índices:

- maior índice de homicídios da região sul do Brasil;
- mais baixo índice de pontos de cultura da região sul do Brasil;
- maior número de mortes por armas de fogo;
- maior número de morte por abuso de drogas;
- maior taxa de homicídios de crianças, mulheres e idosos;
- mais baixo índice de Desenvolvimento Humano da região sul, que agrega indicadores de renda, saúde e educação;
- o maior índice de vulnerabilidade juvenil e evasão escolar;
- pior relação entre população quantidade de guardas/policiais;
- a menor taxa de médicos por habitantes;¹⁴

14 A “CAPITAL da Solidariedade” uma violenta cidade-dormitório, [202-]. Mais informações em <https://oblogdoparque.wordpress.com/alvorada/>.

O estranhamento gerado por esse contraste motivou uma ação artística, denominada por Chardosim de *arte panfletária* (fig. 05), que consistia na disponibilização de panfletos em vários locais da cidade, bem como na fixação de cartazes com a seguinte inscrição: “PROCURAM-SE PESSOAS QUE GOSTEM DE ALVORADA” (fig. 06). Tratava-se, evidentemente, de uma provocação: ao mesmo tempo em que apontava a inexistência de pessoas que gostassem da cidade, procurava pessoas que tivessem interesse em reverter essa situação.

Figura 5 — Arte panfletária



Foto: Marcelo Chardosim
(2015)

Figura 6 — Procuram-se pessoas que gostem de Alvorada



Foto: Marcelo Chardosim
(2017-2018)

Neste mesmo ano de 2015, de acordo com relato de Chardosim e reportagens veiculadas na imprensa (G1, 2015), a população da cidade de Alvorada sofreu com uma crise de desabastecimento de água ao longo de, aproximadamente, uma semana, e uma das alternativas encontradas por algumas pessoas foi buscar água nessa área que, posteriormente, viria a ser reivindicada como local do Parque da Solidariedade. Esse fato o alertou para a importância dos recursos naturais ali presentes. Os córregos e riachos existentes o motivaram a conhecer mais sobre as nascentes da cidade (fig. 07), resultando na identificação de aproximadamente doze delas, somente naquela área¹⁵. Evidenciava-se, assim, a importância daquele ambiente, que sofria com o acúmulo de lixo em seu território e em seus cursos de água (fig. 08), e cujo solo estava sendo degradado e erodido por conta da ausência de vegetação em certos locais (fig. 09).

Figura 7 — Nascente no Parque da Solidariedade



Foto: Marcelo Chardosim

15 O PARQUE é o rio, [202-]. Mais informações em <https://oblogdoparque.wordpress.com/o-parque-e-rio-gravatahy/>

Figura 8 — Acúmulo de lixo no Parque da Solidariedade



Foto: Marcelo Chardosim

Figura 9 — Erosão do solo no Parque da Solidariedade



Foto: Marcelo Chardosim

De forma resumida, durante sua fala de apresentação do projeto na CCMQ, Marcelo Chardosim destacou os seguintes elementos constitutivos e motivadores da ideia do Parque da Solidariedade: a) identificação de nascentes existentes na área do parque; b) identificação de

expressiva bio-diversidade no ambiente natural do município e da região reivindicada; c) degradação do ambiente por processos erosivos; d) grande acúmulo de lixo e rejeitos na área reivindicada, representando o descaso do poder público e da empresa proprietária; e) altos índices de violência registrados na região do parque e associados à cidade de Alvorada; f) o fato de, apesar dos índices do item anterior, a cidade de Alvorada ter recebido de sua própria gestão municipal o título de “capital da solidariedade”; g) ausência de museus na cidade (ausência de opções culturais); h) existência de legislação federal, com foco na proteção ambiental, dando sustentabilidade à mobilização da comunidade e ao projeto como um todo.

Partindo dessas evidências, inicia-se, gradualmente, a constituição de uma rede de pessoas, grupos, projetos, entidades, e de toda uma comunidade (vizinhos, amigos, artistas e pessoas envolvidas com a causa ambiental) que irá se mobilizar para a execução dos mutirões de limpeza e de recuperação da área. Tais ações, em sua maioria, são realizadas sob coordenação de Chardosim, e têm parte de seus processos e êxitos apresentados na exposição Museu Baldio.

Figura 10 — Antes e depois do Mutirão de Limpeza I



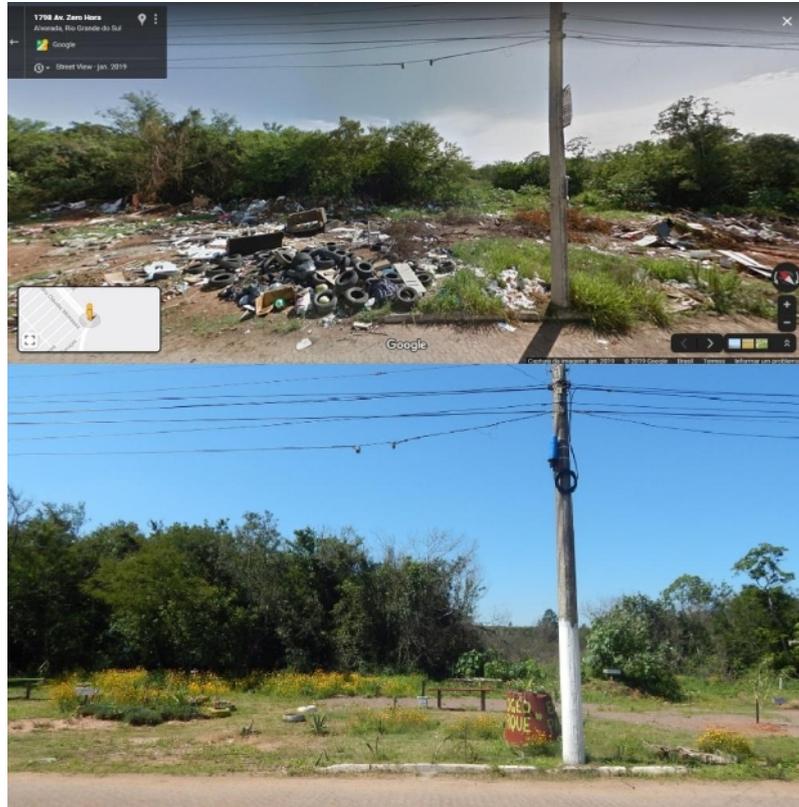
(2019-2020)

Figura 11 — Antes e depois do Mutirão de Limpeza II



Fonte: oblogdoparque.wordpress.com
(2019-2020)

Figura 12 — Antes e depois do Mutirão de Limpeza III



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com
(2019)

Figura 13 — Voluntários durante Mutirão de Limpeza I



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com
(2019-2020)

Figura 14 — Voluntários durante Mutirão de Limpeza II



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com
(2019-2020)

Figura 15 — Voluntários durante Mutirão de Limpeza III



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com
(2019-2020)

2.2 Museu Baldio

Com a consolidação do projeto “Parque da Solidariedade”, a partir do registro das primeiras ações realizadas, renova-se a ideia do Museu Baldio, que, nas palavras dos organizadores, trata-se de

[...] um museu vivo, comunitário, a céu aberto e expandido nas *badlands* de Alvorada/RS. É um museu da arte de construir memórias, cuidar da terra, preservar e fazer culturas, experimentar espaços vivos com arte, fuga, poesia, convivência, cura, reencantamento, pesquisa e bioconstrução social. [...]

O MUSEU BALDIO se constrói em lugares onde a arte não existia. [...]. Espaços físicos, virtuais, sociais e psicológicos são ocupados com práticas da cidadania e participação comunitária. Os artistas baldios trabalham ética e criticamente entre águas, terras, ruas, terrenos baldios, becos, aplicativos, hortas, paradas de ônibus, calçadas, lixo, pátios, rádio comunitária, postes, canteiros, bares, internet, jardins, florestas, vagas, instituições públicas, organizações, áreas poluídas, degradadas, voçorocadas.

[...] De acordo com os diagnósticos do Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública, de 2015 (SINESP) a 2019 (IPEA), Alvorada é a cidade da região sul do País que apresenta os piores índices sociais, de modo consequente, os mais baixos pontos de cultura. Isso fez a necessidade de nos olharmos como museus ampliados na cidade, iniciado nas nascentes, iniciado dentro e fora da terra, iniciado nas pessoas que fazem do impossível a reconstrução de um mapa. [...] (MUSEU BALDIO, [202-])

Dessa forma, Museu Baldio se estabelece enquanto um espaço para registro e comunicação das ações realizadas ao longo do tempo no Parque da Solidariedade. Tanto as ações ambientais quanto as ações artísticas. E é também com essa finalidade que a exposição Museu Baldio veio a ocorrer na CCMQ durante o ano de 2021.

Se considerarmos as definições de museu apresentadas por Teixeira Coelho (1997), reconheceremos no projeto Museu Baldio as seguintes características de um museu: um espaço permanente¹⁶, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que preserva, pesquisa, comunica e exhibe, para o estudo, a educação e o entretenimento, a evidência material do homem e seu meio ambiente. Veremos também, que a exposição Museu Baldio está inserida em um conceito de Museologia Social, pois, conforme definição do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), trata-se de “[...] uma ferramenta de uso comunitário e participativo, para que as pessoas pesquisem, compreendam, salvaguadem e divulguem

16 No caso do Museu Baldio, a ideia de espaço “permanente” está mais associada à sua permanência ao longo do tempo e à sua relação com a problemática da terra propriamente dita, no ambiente natural lá existente. Diferente de uma instituição formal, com uma sede física, por exemplo.

suas próprias histórias nos seus próprios termos.” (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, [202-])

Durante a entrevista, Chardosim, ao ser questionado sobre o que caracteriza o Museu Baldio como um *museu*, destacou os seguintes aspectos: a) a existência de um acervo (mesmo que apenas digital, de registros, de memórias, de relatos...); b) atua na preservação da memória e na história do contexto onde está inserido; c) possui ações educativas (realizadas no ambiente do Parque da Solidariedade); d) desenvolve pesquisas ou se associa a pesquisadores de outras áreas do conhecimento na busca de estratégias de preservação do ambiente natural em prol da cidade; e) expõe obras; e f) divulga informações referentes às suas ações e sobre os temas que estão relacionados ao próprio Museu Baldio, ao Parque da Solidariedade e à cultura da cidade de Alvorada, através de site próprio ou de redes sociais.

Na ausência de museus de arte e de outros equipamentos culturais na cidade, o projeto Museu Baldio ocupa uma lacuna deixada em aberto pelas administrações públicas municipais, e mesmo pela iniciativa privada.

Através do site mantido pelo grupo, as ações ficam documentadas e podem ser acessadas à distância e a qualquer momento, constituindo, de certa forma, o próprio acervo deste museu.

Através da exposição na CCMQ (e de exposições vindouras)¹⁷, suas ações ganham projeção e visibilidade, tornam-se notícia e atingem espaços que não seriam alcançados somente com as ações realizadas presencialmente na área do Parque.

Assim, a exposição Museu Baldio na CCMQ representa essa estratégia de propagação de informações, sejam elas sobre a situação atual do ambiente do parque e os problemas lá existentes, ou então sobre as soluções encontradas pelos artistas e as ações desenvolvidas. Não menos importante do que isso, a exposição serve ainda como espaço para apresentação da produção dos artistas vinculados aos projetos, toda ela feita a partir dos ideais defendidos ou de materiais do próprio ambiente do Parque da Solidariedade (solo, vegetação, paisagem, relevo, etc.). Alguns exemplos são apresentados nas imagens¹⁸ a seguir:

17 Até o momento, somente uma exposição Museu Baldio foi realizada, mas há a intenção de realização de outras exposições, conforme informações obtidas na entrevista com Marcelo Chardosim (2022). Além disso, de acordo com informações disponíveis no site <https://oblogdoparque.wordpress.com/museubaldio/>, outras ações culturais distintas já foram realizadas sob o nome “Museu Baldio”. Nesse sentido, as constatações apresentadas no texto referem-se somente à exposição de 2021, na CCMQ.

18 Imagens obtidas no site <https://oblogdoparque.wordpress.com/museubaldio/>.

Figura 16 — Vista interna da exposição Museu Baldio I (vários artistas)



Foto: Marcelo Chardosim

Figura 17 — Vista interna da exposição Museu Baldio II (vários artistas)



Foto: Marcelo Chardosim

Figura 18 — Vista interna da exposição Museu Baldio III (vários artistas)



Foto: Marcelo Chardosim

Figura 19 — Vista parcial da obra "Tecido Rupestre" de Vera Junqueira



Foto: Marcelo Chardosim
(2021)

De forma semelhante ao proposto por Ana Albani de Carvalho (2012), quando define a exposição como uma espécie de moldura que delimita o modo como uma produção é vista perante o sistema da arte, e também quando aborda as relações de poder que circundam uma mostra, a exposição Museu Baldio se apropria e usa o sistema da arte “a serviço” do projeto Parque da Solidariedade, como uma forma de ampliar seu alcance, encontrando novos públicos e projetando-se através de outros canais de comunicação. Realizar uma mostra na CCMQ foi uma das formas encontradas pelo projeto Museu Baldio, em parceria com o Parque da Solidariedade e a própria CCMQ, para se fortalecer enquanto ação pública e obter chancela para a sua causa.

Mas, sendo a Casa de Cultura Mario Quintana um espaço tão relevante e em evidência no ambiente cultural de Porto Alegre — e também para o sistema da arte — quais teriam sido os caminhos que levaram a Exposição Museu Baldio a ocupar um espaço público, neste centro cultural da capital do Rio Grande do Sul?

Essa oportunidade surgiu a partir de desdobramentos de outras ações realizadas por Marcelo Chardosim e em decorrência de sua participação em outras exposições. Um exemplo é o projeto "O Poder da Multiplicação — Arte reproduzível na América do Sul e na Alemanha: do pré-digital ao pós-digital ou da gravura, passando pelo xerox, até o 3D", realizado em 2018 pelo Instituto Goethe, em Porto Alegre. A aceitação e inserção de seus trabalhos, em projetos como esse, motivou Chardosim a inscrever-se em novos editais públicos e convocatórias artísticas, não só com o intuito de ampliar sua trajetória e experiência enquanto artista, mas, também, de encontrar caminhos de transformação para as problemáticas vivenciadas por ele em sua cidade. Um desses editais foi o Projeto Vitrine¹⁹, na Casa de Cultura Mario Quintana, lançado em 2021. A proposta apresentada por Chardosim obteve a atenção dos avaliadores, mas não foi selecionada para este projeto devido ao seu caráter documental. Ainda assim, mesmo não tendo sido selecionado para participar das mostras desse edital específico, o artista recebeu um convite dos dirigentes da CCMQ para ocupação de um outro espaço, ainda durante o ano de 2021, fato que pode ser percebido como reconhecimento da qualidade de seu trabalho. Tendo conquistado o direito de ocupar este espaço, restava agora mobilizar outros artistas e a comunidade para o desenvolvimento e realização da mostra.

Como já mencionado anteriormente, tratava-se de um projeto documental. Portanto, não possuía um acervo de obras de arte em formatos tradicionais. Havia registros, fotografias,

19 (MARTINS, 2021). Maiores informações em <http://www.ccmq.com.br/noticias/555/projeto-vitrine-ccmq-esta-com-inscricoes-abertas-ate-o-dia-21-de-marco>.

documentos, e uma grande vontade de mostrar a problemática do Parque da Solidariedade neste espaço privilegiado, localizado no centro da capital Gaúcha. Por ser uma exposição que tangenciaria assuntos delicados e, ao mesmo tempo, fundamentais — incluindo questionamentos sobre a propriedade e a situação ambiental de uma área pertencente a uma empresa particular com grande influência e poder na região sul do Brasil — alguns cuidados e diretrizes de preservação foram estabelecidos. Um desses cuidados é que não haveria uma curadoria ou a indicação de um nome específico como responsável pela mostra; e outro, que os nomes de artistas participantes²⁰ não seriam afixados junto às obras. A ideia era que a exposição representasse algo vivo, dinâmico, em transformação, com possibilidade de alterações de configuração e de seus componentes ao longo da mostra. Esse formato simularia uma espécie de “*ocupação*” do espaço – quase como se fosse a ocupação de um terreno baldio – em que artistas iriam sendo incorporados ao grupo ao longo do tempo, e cuja configuração da mostra ou das obras no espaço iria sendo transformada ou adaptada a cada nova intervenção²¹. O outro cuidado utilizado como estratégia de preservação pelos organizadores foi em relação ao nome da mostra. Mais precisamente, havia a intenção de que essa exposição ficasse conhecida somente pelo seu nome – Museu Baldio – o que, segundo os organizadores, proporcionaria um caráter anônimo àqueles(as) que dela participavam. No seu entendimento, o nome da mostra seria mais importante do que os próprios nomes dos/das artistas participantes. Um dos motivos, declarado por Chardosim durante a entrevista, é o seguinte: ao diluir (ou não informar) intencionalmente a autoria dos trabalhos e a quantidade dos artistas, permitiria a percepção de que esse grupo seria formado por muito mais pessoas do que se via *in loco*. Assim, além de dar a impressão de que eram mais pessoas a propagar e defender as ações desse coletivo, também dificultaria qualquer ação de represália, por parte da empresa, direcionada aos organizadores do projeto.

O resultado dessas escolhas foi positivo. Graças a elas e à grande visibilidade proporcionada pela exposição, seja através do expressivo número de visitantes²² do espaço

20 Sobre os nomes de artistas participantes, ver apêndice A, ao final do texto.

21 Sobre a configuração das obras, ver apêndice B, ao final do texto, que apresenta imagens da mostra em diferentes momentos.

22 Não há registros oficiais dos visitantes durante o período da mostra, pois, por conta da pandemia de Corona Vírus, os protocolos sanitários recomendavam o não compartilhamento de objetos como canetas, por exemplo. Sendo assim, este número é estimado a partir de duas fontes: a) o número de folhetos retirados pelos visitantes no local da mostra (mais de 1.500 folhetos foram retirados, de um total de 2.000 disponibilizados) e b) a média do fluxo de visitantes aos espaços Maria Lídia Magliani e Jardim Lutzenberger antes do período da pandemia do Corona Vírus, ou seja, uma média de 300 visitantes por dia (dados fornecidos pela CCMQ). O número total de visitantes, com base nas informações disponíveis, tanto pode ser estimado em aproximadamente duas mil pessoas, como

expositivo da CCMQ ou de sua veiculação na imprensa²³, há relatos de alterações nas relações estabelecidas entre a empresa proprietária do terreno do Parque da Solidariedade e o poder público no sentido de garantir, ao menos em parte, as reivindicações da comunidade em relação àquela área. Durante a entrevista, Chardosim relata a existência de processos judiciais²⁴ em tramitação, gerados a partir das ações desenvolvidas pela comunidade e pelos artistas naquele território. Conforme já relatado no início do texto, houve melhorias no recolhimento do lixo e na limpeza da região, além de ações de urbanização no entorno do “parque”. Outros desdobramentos estão em curso, decorrentes desses processos. Entre eles, está a destinação de parte da área reivindicada como Parque da Solidariedade para o município de Alvorada. Há também a previsão de transferência de valores, decorrentes de multas ambientais, e de contrapartidas devidas à administração municipal, apenas para citar alguns. São, sem dúvida, significativas conquistas do coletivo. Todas, reflexo de ações judiciais, que por sua vez são reflexo de ações dos integrantes do Museu Baldio e do Parque da Solidariedade.

Outro importante aspecto, proporcionado pela exposição Museu Baldio em Porto Alegre e bastante valorizado por Chardosim na entrevista, está relacionado com a ampliação da autoestima dos integrantes do projeto e da comunidade envolvida²⁵ — e, por que não dizer, inclusive, da cidade de Alvorada. Os reflexos, segundo ele, são percebidos naqueles que

também em aproximadamente vinte mil pessoas, ao longo dos 73 dias de duração da exposição Museu Baldio.

- 23 Apresento aqui algumas das notícias veiculadas na imprensa local e regional a respeito da mostra:
- a) "Museu Baldio leva arte, inclusão e experimentos de bioconstrução social à Casa de Cultura Mario Quintana" (LARRÉ, 2021);
 - b) "Exposição “Museu Baldio” reúne obras de mais de 50 artistas gaúchos na Casa de Cultura Mario Quintana” (NOTAS E AGENDA, 2021);
 - c) “Alvorada é tema de exposição em Porto Alegre” (2021);
 - d) “Museu Baldio leva arte, inclusão e experimentos de bioconstrução social à Casa de Cultura Mario Quintana” (REDAÇÃO, 2021);
 - e) “Últimos dias para visitar a Exposição Museu Baldio na CCMQ” (LARRÉ, 2021);
 - f) "Exposição Museu Baldio levou a arte de Alvorada para a Casa de Cultura Mario Quintana” (PIRES, 2021).
- 24 Alguns processos obtiveram ganhos positivos, revertidos para a cidade de Alvorada. Outros trouxeram eventuais prejuízos para os integrantes dos projetos. Entre eles, a impossibilidade de acesso à área do parque (conforme Interdito Proibitório nº 5015255-10.2021.8.21.0003/RS). Apesar dos cuidados tomados em relação ao anonimato, o artista Marcelo Chardosim é pessoa citada nos processos judiciais movidos pela empresa contra os representantes do Parque da Solidariedade.
- 25 A “comunidade envolvida”, mencionada no texto, é, de acordo com depoimentos de Marcelo Chardosim, composta por múltiplos agentes. Destes, destacam-se: moradores do entorno do parque; moradores de bairros adjacentes e de outras áreas da cidade; políticos envolvidos com as causas defendidas pelos projetos; pesquisadores de áreas afins (biologia, recursos hídricos, etc.); artistas da cidade de Alvorada e região metropolitana; estudantes; profissionais voluntários nas áreas de direito e meio ambiente; e voluntários ligados a Organizações não Governamentais (ONGs).

participaram da exposição, artistas e não-artistas, mas também na cidade como um todo, na comunidade onde os projetos se inserem e, até mesmo, na esfera administrativa municipal, reconhecendo a projeção do nome da cidade de Alvorada vinculado a valores positivos, como a produção cultural de artistas e da comunidade alvoradense, por exemplo.

A repercussão positiva da mostra e a propagação das informações sobre a situação da área do parque, somadas às ações realizadas na região reivindicada, são elementos significativos para a conquista dos resultados obtidos até o momento.

Encerra-se aqui a primeira parte do texto, cuja intenção era apresentar uma breve caracterização e diferenciação entre os projetos. A partir de agora, serão destacados alguns aspectos específicos, significativos para as análises a que este trabalho se propõe.

3 DA IDEIA INDIVIDUAL À AÇÃO COLETIVA

Qualquer projeto ou ação artística, para ser executado, precisa antes ser idealizado. Isso não é diferente com os projetos aqui analisados. Tratam-se de ações coletivas, participativas, mas todas possuem uma motivação inicial e alguém que deu início a essa trajetória. No caso desses projetos, a gênese é individual e parte de uma vivência, de uma experiência relacionada com a cidade.

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (BONDÍA, 2002, p. 27)

No sentido do que nos traz Jorge Larossa Bondía, seria possível identificar quantas pessoas, todos dias, circulam pela cidade de Alvorada e se deparam com o descaso da prefeitura em relação ao lixo nas ruas ou ao desmanche de uma praça pública? Provavelmente não. E, de um modo mais específico, seria possível identificar quantas pessoas realmente são afetadas por esses mesmos fatos? Talvez não, também. De acordo com o pensamento de Bondía, seria possível, sim, afirmar que os acontecimentos vivenciados por essas pessoas repercutem em cada uma delas de formas distintas, e que, na maioria das vezes, acabam não sendo significativos o suficiente para motivar algum tipo de ação concreta de sua parte.

O artista Marcelo Chardosim, a partir do exemplo citado, representa a pessoa que se utiliza dos acontecimentos ao seu redor, vivências e experiências, para atuar e transformar sua realidade. Tal percepção é corroborada por ao menos outros três artigos publicados, que identificam esse artista como elemento articulador e protagonista, destacando sua experiência artística e sua atuação enquanto cidadão como sendo os elementos catalisadores dessas ações transformadoras. Em “Procuram-se pessoas que gostem de Alvorada!” (RAMOS, 2018), “A poética do impossível no ‘Trabalho Retificado’ de Marcelo Chardosim” (CAMARGO, 2020) e “Genealogia dos Espaços Verdes: marcos referenciais da paisagem urbana e na arte” (APPEL, 2021), os autores percebem esse mesmo modo de desenvolvimento das ações, partindo do individual (cidadão-artista Marcelo Chardosim) e indo em direção ao coletivo (grupos de artistas e não-artistas/comunidade), tendo como força motriz o incômodo e a

indignação deste artista a partir de suas experiências urbanas. Seu desejo transformador, inicialmente exercido de forma solitária, aos poucos vai contagiando pessoas que passam em determinado local onde um cartaz foi afixado, ou afetando pessoas presentes no momento em que uma ação é realizada. Seria possível dizer, inclusive, que há dois tipos de contágio: um mais passivo, que se dá indiretamente, e um outro, que se estabelece de forma mais ativa, através de convites e convocações direcionados a artistas e demais agentes afetados de alguma maneira pela temática dos projetos. Esse contágio, independente do tipo, ocorre porque as pessoas que se vinculam aos projetos compreendem sua relevância e acreditam na possibilidade de transformação. Assim sendo, o que se passa no âmbito das ações do Museu Baldio e do Parque da Solidariedade poderia estar relacionado a um (com)partilhar, conforme elaborado por Jacques Rancière em “A Partilha do Sensível”.

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outras tomam parte nessa partilha. (RANCIÈRE, 2005, p. 15)

Para além da idealização inicial, eventualmente individual ou solitária, é a experiência do coletivo que promove a potência de uma exposição como *Museu Baldio*. Parece significativo pensar que justamente a força oriunda do compartilhamento das ações ali realizadas, ou a força do projeto desenvolvido colaborativamente, são o esteio dessa mostra. Ao comentar sobre propostas de trabalho semelhantes em um texto intitulado “Colaboração, Arte e Subculturas”, Grant Kester destaca:

As trocas iniciadas por esses projetos constituem uma forma de trabalho que é distinta do “trabalho” do individualismo possessivo. Seu objetivo não é a violenta extração de valor ou a supressão da diferença, mas uma co-produção (literalmente, co-labor) de identidade nos interstícios de tradições culturais, forças políticas e subjetividades individuais existentes. (KESTER, 2006, p. 31)

Além disso, neste mesmo texto, o autor reafirma a valorização da prática coletiva e colaborativa, presente em exposições como *Museu Baldio*, ressaltando as trocas existentes na constituição, na organização, e na manutenção de exposições ou projetos como esse, como sendo uma “práxis criativa” (KESTER, 2006).

4 ARTIVISMO E UTOPIA

Considerar a realização de uma exposição em um espaço público como sendo uma prática criativa, como nos diz Kester (2006), faz sentido. Especialmente quando se percebe a existência de um propósito maior, que se projeta para além das obras e para além da própria mostra. Não se trata, aqui, de uma ação artística baseada simplesmente nos princípios da “arte pela arte” ou em princípios artísticos convencionais — em que a experiência estética, o “belo” e sua contemplação, a valorização do ato criador ou da expressão individual do artista seriam os protagonistas. De forma contrária, assim como também sugere Appel (2021, p. 279), percebemos tratar-se, nestes projetos, de uma arte engajada, que atribui uma função social à prática artística em um determinado contexto. Trata-se, em última instância, de um conjunto de ações que se pretendem políticas, de forma a obter visibilidade e reconhecimento para um projeto que extrapola o evento temporário na CCMQ, e pretendem que a exposição propriamente dita (os objetos físicos elaborados naquele e para aquele espaço) e suas repercussões (os comentários dos visitantes ou as publicações nos diversos veículos de comunicação) atinjam e afetem o poder público, empresas e comunidade, a ponto de haver mudanças reais em seu contexto local. Neste caso, o Parque da Solidariedade e a cidade de Alvorada.

De acordo com Miguel Chaia (2007), denomina-se *artivismo* essa relação entre arte e política, em que atividades artísticas se pretendem políticas, ou práticas políticas procuram suporte na estética. Diz ele:

[...] o ativismo cultural tende a aproximar-se da anti-arte, ao eliminar o objeto artístico em favor da intervenção social inspirada pela estética e ao desconsiderar a contemplação em benefício do envolvimento da comunidade. Neste fazer, os sujeitos produzem conceitos ou práticas, tendo por base uma consciência crítica aguçada portata pelo artista individual ou por um coletivo. O artivismo distingue-se pelo uso de métodos colaborativos de execução do trabalho e de disseminação dos resultados obtidos. Desta forma, é característico desse tipo de arte política a participação direta, configurando formatos de situações que vai do artista crítico até o engajado ou militante. O artista ativista situa-se no interior de uma relação social, isto é, engendra uma esfera relacional fundada no desejo de luta, na responsabilidade ou na vocação social que reconhece a existência de conflitos a serem enfrentados de imediato. Portanto, torna-se fundamental no artivismo o reconhecimento do outro e também a crítica das condições que produzem a contemporaneidade. (CHAIA, 2007. p. 10)

Mas, diferente do sugerido por Chaia, quando este fala da “anti-arte”, ou da eliminação do objeto artístico, a exposição Museu Baldio escolhe valorizar ações artísticas como forma de atuar socialmente, sejam as ações realizadas no ambiente do Parque da Solidariedade ou as realizadas no espaço expositivo da CCMQ. Essa constatação está mais próxima do pensamento de Boris Groys, em suas reflexões sobre o ativismo artístico, quando afirma que “os artistas ativistas querem ser úteis, mudar o mundo, tornar o mundo um lugar melhor — mas, ao mesmo tempo, eles não querem deixar de ser artistas” (GROYS, 2017. p. 206).

Então, quando falamos em Museu Baldio, estamos tratando, efetivamente, de ações artísticas que se posicionam politicamente perante uma determinada realidade, em busca de transformações, sejam elas sociais, ambientais ou culturais.

As transformações almejadas, a organização de uma comunidade em torno de um ideal e o posicionamento político norteador dessas ações estabelecem o que poderíamos chamar de um certo tipo de utopia²⁶.

O artista contemporâneo, desenvolvendo práticas colaborativas e enfatizando o processo e a experiência da interação coletiva, elabora e promove a criação ou a reinvenção das formas de estar junto pela representação de microcomunidades e microutopias a partir de influências múltiplas compartilhadas. (BEVILAQUA, 2014. p.194)

Durante a entrevista, Marcelo Chardosim (2022) também refere-se, por mais de uma vez, aos projetos Museu Baldio e Parque da Solidariedade como sendo uma *utopia*²⁷. Entende-se que, ao associar este conceito às ações desses projetos, ele esteja se referindo à busca de justiça social e ambiental aplicadas à sua comunidade e à cidade de Alvorada. O desejo de transformação desse contexto, a busca por uma vida melhor, em oposição à realidade enfrentada no cotidiano, torna utópica qualquer aspiração de mudanças. Em uma palavra, a utopia aqui mencionada trata de *esperança*.

26 Definições de utopia:

- a) Situação ou local idealizado; lugar onde tudo acontece de maneira perfeita ou ideal;
- b) Local ou situação ideal onde tudo é perfeito, harmônico e feliz; refere-se especialmente a um tipo de sociedade com uma situação econômica e social ideal;
- c) O que está no âmbito do irrealizável; que tende a não se realizar; quimera, sonho; fantasia;
- d) Situações determinadas em que os indivíduos estão em estado pleno de felicidade e harmonia. (DICIO, c2009-2022)

27 No contexto apresentado pela fala do artista, entendo que o significado mais coerente para a palavra utopia seja o da letra c (ver nota 23).

O artista fala, ainda, que um dos aspectos principais desses projetos é a busca por “atuar no real”, afastando-se de uma prática artística de “representação” do mundo. Mas qual a relação dessa postura com a noção de utopia? Provavelmente a crença de que, através da arte, seja possível transformar o mundo, tornando-o um lugar melhor para se viver. E essa crença se assemelha ao que defende Groys (2017), quando escreve que os artistas ativistas desejam mudar as condições da realidade por meio da arte. Diz ele:

Os artistas ativistas tentam mudar as condições da vida em áreas economicamente subdesenvolvidas, suscitar questões ecológicas, oferecer acesso à cultura e à educação às populações de países e áreas pobres, atrair atenção para a situação dos imigrantes ilegais, melhorar as condições de pessoas que trabalham em instituições de arte. (GROYS, 2017. p. 206)

Tal pensamento utópico não é exclusividade dos integrantes do Museu Baldio. Não são poucos os exemplos de projetos e realizações artísticas com essas características. Encontraremos, em Kester (2006) e em Bevilaqua (2014), por exemplo, menção a projetos colaborativos e participativos que trazem problemáticas semelhantes às dos projetos aqui mencionados. Park Fiction²⁸ é emblemático neste sentido por ser

[...] um exemplo bem eloquente de uma arte colaborativa e engajada, porque trata de um processo de reinvenção participativa do planejamento urbano, que ousa imaginar, em um processo de ação paralela à institucional, um parque público no lugar de altos e caros prédios de apartamentos. (BEVILAQUA, 2014. p. 195)

Destaca-se aqui, a expressão “ousa imaginar”. Esse exemplo dialoga de forma muito próxima com as práticas artísticas desenvolvidas no Parque da Solidariedade e apresentadas na exposição Museu Baldio — a ousadia de imaginar um parque, a recuperação da natureza, a limpeza de seu ambiente, a diminuição da violência, e o bem-estar de uma comunidade.

Embora as ações Park Fiction e Museu Baldio/Parque da Solidariedade possuam objetos de atuação bastante distintos, em ambas há o desejo inicial de construção de uma “ficção”: a imaginação e idealização de um parque. Ambos os projetos são gerados a partir de um problema real, iniciam sua existência de forma fictícia, por meio de proposições artísticas, e acabam por tornar-se reais, ou por transformar a realidade anterior na qual estavam inseridos. Ousaram imaginar uma nova realidade. O que poderia ser a mesma coisa que dizer:

28 Maiores informações sobre Park Fiction e seus desdobramentos são encontradas nos textos de Kester (2006) e em Bevilaqua (2014)

ousaram acreditar em uma utopia, em uma nova ordem, em uma nova forma de viver. Trazem consigo a esperança em um mundo melhor.

5 DA UTOPIA À REALIDADE — REVERBERAÇÕES

Se o desenvolvimento de projetos, como esses que apresentamos, se deu a partir da crença em uma utopia, é a reverberação de suas ações que estabelecerá sua efetiva existência no “mundo real”.

A realização da mostra Museu Baldio, na Casa de Cultura Mario Quintana, estabeleceu uma série de ações concretas que extrapolam os limites temporais e os próprios objetivos iniciais da exposição. A começar pela escolha, por parte dos organizadores, em aproveitar a oportunidade do uso daquele espaço público e sua localização (geográfica e simbólica) como elementos estratégicos. O que nos faz perguntar novamente: Qual o sentido dessa exposição? Do que trata essa mostra?

Trata-se de muito mais do que simplesmente apresentar objetos artísticos, certamente. Ou seja, os objetos artísticos apresentados não estavam lá apenas para apreciação estética dos visitantes. Poderíamos dizer, inclusive, que o que foi produzido e proposto pelo grupo mantém alguma relação com o conceito de dispositivo, pois possui função estratégica concreta e se inscreve em uma relação de poder (FOUCAULT, *apud* AGAMBEN, 2005).

A função estratégica se deu através da propagação dos ideais de uma comunidade, da defesa e valorização de um território, e da luta pela preservação de um ambiente natural existente em meio a uma região demasiadamente urbanizada. E as relações de poder, nesse nosso exemplo (Museu Baldio), estabelecem-se em diversos níveis ou de diversas formas: seja entre os participantes da ação, seja em relação à sua posição perante o sistema da arte (influências e alcance), ou até (talvez a principal finalidade) questionando o posicionamento de uma empresa particular e do poder público para com o ambiente natural e, conseqüentemente, para com toda a população de uma cidade.

A ocupação realizada na CCMQ apresentou obras e ações que, no mínimo, deslocam os limites da noção de arte produzida na cidade de Alvorada. Além de demonstrar que a arte é potencialmente transformadora da realidade, proporcionaram o desenvolvimento de um sistema próprio das artes no município. Neste “sistema próprio”, uma das repercussões constatadas foi a da desinstitucionalização da arte, no sentido de que os agentes — ou parte deles — passaram a reconhecer outros lugares para a arte que não os espaços tradicionais de uma galeria, por exemplo, e passaram a valorizar também outros formatos para a produção artística, prescindindo, assim, da noção de arte como produto, ou seja, como um bem de

consumo. O surgimento desse novo olhar pode estar relacionado a um certo trânsito estabelecido entre *periferia* e *centro*, representado pelo deslocamento (de artistas, obras, ou do projeto como um todo) saindo de uma região mais afastada (bairros de Alvorada) em direção a uma região mais central (CCMQ — Centro Histórico de Porto Alegre — o *centro* enquanto símbolo de poder), seguido depois pelo movimento inverso, após o acesso àquele espaço privilegiado e de visibilidade, tendo como resultado o retorno desses agentes e do projeto ao seu local de origem, mas, agora, transformados por um capital simbólico agregado.

Há também repercussões em outros níveis. Entre eles, o reconhecimento e valorização das ações desenvolvidas pelo Parque da Solidariedade e pelo Museu Baldio por parte de outros projetos. Como exemplo dessas inserções podemos citar a participação no “I Seminário Internacional de Pesquisa da Paisagem Costeira na Arte Contemporânea: ética, ecologia e entorno, organizado pelo Grupo de Pesquisa Observatório de Arte Pública, Entorno e Novos Gêneros”²⁹.

Outra forma de repercussão, já mencionada no texto, está vinculada às ações de recuperação e atitudes da empresa Habitasul em Alvorada, com relação à área do Parque e artistas envolvidos. Creio que esta última repercussão já seja suficiente para responder uma das questões que se propôs este trabalho: ações artísticas, enquanto ações políticas, têm capacidade de transformar uma determinada realidade? Não há uma resposta absoluta, mas as repercussões alcançadas até o momento indicam que os caminhos e as escolhas realizadas não foram e não serão em vão. Bishop, a esse respeito, diz que “[...] não há possibilidades de haver obras de arte colaborativa fracassadas, malsucedidas, não resolvidas ou entediadas porque todas são igualmente essenciais à tarefa de fortalecer os elos sociais.” (BISHOP, 2008, p.147), demonstrando também o quanto o pensamento de Bishop encontra acolhida no objeto deste estudo.

29 Maiores informações em <https://www.observar.art/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Exposição Museu Baldio da CCMQ, bem como as ações desenvolvidas no Parque da Solidariedade, possuem múltiplos aspectos. Tantos, que não há como esgotar em poucas páginas a quantidade de caminhos e abordagens possíveis. Tal diversidade indica que esses projetos poderão — e deverão — ser explorados em outras pesquisas.

A entrevista realizada com Marcelo Chardosim (2022) foi um recurso fundamental, e permitiu perceber outros desdobramentos que poderiam ter sido abordados aqui. Questões como: a desinstitucionalização da produção artística, a ampliação da noção ou do conceito de obra de arte, a relação da arte com a vida cotidiana (naquela comunidade, ao menos), a redução dos índices negativos associados à cidade de Alvorada, e ainda, abordagens que relacionam os projetos a recursos ou elementos geográficos, hídricos e biológicos existentes na área do Parque da Solidariedade (os quais de alguma forma também aparecem na mostra Museu Baldio), e tantos outros assuntos, merecem um aprofundamento maior do que eventualmente tenha sido tangenciado neste texto.

Essas problematizações, geradas pelos artistas e suas obras, pela exposição em si e pelo projeto Museu Baldio como um todo, contribuem com o campo das Práticas Curatoriais justamente por não se submeterem ao que está estabelecido enquanto arte, seja enquanto campo da arte ou enquanto sistema da arte. E, com isso, estimulam o desenvolvimento de novas abordagens e de novos entendimentos sobre este campo do conhecimento.

De modo semelhante, os registros obtidos através da pesquisa, tanto nas fontes textuais como nas entrevistas, o levantamento de informações sobre a genealogia dos projetos, e a forma como se deu a ocupação dos espaços na CCMQ e suas transformações ao longo do período da exposição Museu Baldio, permitem reconhecer sua pertinência e relevância para o campo de estudos denominado História das Exposições.

O que fica, para nós, observadores que somos, é que o compartilhamento das ações e a atuação em coletividade permitiu, não só ao artista Marcelo Chardosim enquanto um de seus principais idealizadores, mas a todos agentes envolvidos, construir um caminho para a realização de seus projetos e para transformar o seu entorno. É através de suas práticas colaborativas que conquistam melhores possibilidades de interferir no mundo real. É como se fosse confirmada a afirmação de Miguel Chaia (2007, p. 11), quando este nos diz que “O

ativismo delimita o âmbito de ação que parte do individual, passa pelo coletivo e alcança insuspeitados espaços no qual se localiza o outro.”

Por fim, após o que foi escrito e apresentado, e com base na definição do termo “baldio”, podemos dizer que não há nada de infrutífero ou inútil no Museu Baldio. Ao contrário, são ações plenas de esperança no futuro e que se utilizam da arte para construir um parque e uma cidade — ou um mundo — melhores.

REFERÊNCIAS

A “CAPITAL da Solidariedade” uma violenta cidade-dormitório. Alvorada: Oblogdoparque.wordpress.com, [201-]. Disponível em: <https://oblogdoparque.wordpress.com/alvorada/>. Acesso em: 05 fev. 2022.

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? **Outra travessia**, [Florianópolis], n. 5, p. 9-16, 2005. Disponível em: <https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/issue/view/1201/showToc>. Acesso em 13 abr. 2022.

ALVORADA é tema de exposição em Porto Alegre. [Alvorada]: Oalvoradense.com.br, 6 ago. 2021. Disponível em: <https://oalvoradense.com.br/alvorada-e-tema-de-exposicao-em-porto-alegre/>. Acesso em 13 abr. 2022.

APPEL, J. M. S.; PIRES, L. A. Genealogia dos Espaços Verdes: marcos referenciais da paisagem urbana e na arte. In: VERDUM, R. *et al.* (org.). **Paisagem**: leituras, significados, transformações. Porto Alegre: Editora Letra1, 2021. v. 2, p. 271-284. DOI: 10.21826/9786587422 114-16.

BEVILAQUA, P. M. Convenções e Transgressões: A Ação Coletiva na Arte. **Revista Ciclos**, [Florianópolis], v. 2, n. 3, ano 2014, p. 192-206. 2014.

BISHOP, C. A virada social: colaboração e seus desgostos. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, ano 9, v. 1, n. 12, p. 144-155, jul 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/22825>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BISHOP, C. Antagonismo e Estética Relacional. Tradução Milena Durante. **Revista Tatuí**, Recife, v. 12, n. 3, 2011. Disponível em: <http://www.revistatatuí.com.br/edicao/revista-tatuí-12/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BOURRIAUD, N. **Estética Relacional**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2008.

CAMARGO, C. A. N. A poética do impossível no ‘Trabalho Retificado’ de Marcelo Chardosim. **Revista Croma, Estudos Artísticos**, Lisboa, v. 8, n. 15, p. 29-37, jan.-jun. 2020.

CARVALHO, A. M A. DE. A exposição como dispositivo na Arte Contemporânea: conexões entre o técnico e o simbólico. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 47, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/12654>. Acesso em: 14 nov. 2021.

CHAIA, M. W. Artivismo — Política e Arte Hoje. **Aurora**, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/6335>. Acesso em: 13 fev. 2022.

CHARDOSIM, M. **Encontro informal na exposição Museu Baldio**. [Entrevista cedida a] Adriano Sempé Pedroso. Porto Alegre, 04 set. 2021.

CHARDOSIM, M. **Entrevista a respeito dos projetos “Museu Baldio” e “Parque da Solidariedade”**. [Entrevista cedida a] Adriano Sempé Pedroso. Alvorada, 15 jan. 2022. 1 gravação (240 min).

COELHO, T. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DICIO. **Significado de Utopia**. [S. l.]: Dicio.com.br, c2009-2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/utopia/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

G1 RS. **Partes de Alvorada e Viamão estão sem água há sete dias no RS**. [S. l.]: G1.globo.com, 26 jul. 2015, 19:16. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/07/apos-sete-dias-bairros-de-alvorada-e-viamao-seguem-sem-agua-no-rs.html>. Acesso em: 15 fev. 2022.

GROYS, B. Sobre o ativismo artístico. Tradução Caroline Alciones de Oliveira Leite e Luiz Sérgio de Oliveira. **Revista Poésis**, Niterói, v. 18, n. 29, p. 201-219, 30 jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poesis/article/view/2004>. Acesso em: 13 abr. 2022.

GRUPO DE PESQUISA OBSERVATÓRIO DE ARTE PÚBLICA, ENTORNO E NOVO GÊNERO. **I Seminário Internacional de Pesquisa da Paisagem Costeira na Arte Contemporânea: ética, ecologia e entorno** [S. l.]: Observar.art, [202-]. Disponível em: <https://www.observar.art>. Acesso em: 13 abr. 2022.

IBGE. **Panorama** — Alvorada. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/alvorada/panorama>. Acesso em: 30 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museologia Social**. [S. l.]: Ministério do Turismo, [202-]. Disponível em: <https://sabermuseu.museus.gov.br/museologia-social-2>. Acesso em: 26 mar. 2022.

KESTER, G. H. Colaboração, arte e subculturas. **Caderno Videobrasil 2: Arte Mobilidade Sustentabilidade**. São Paulo, p. 10-34, 2006. Disponível em: <http://site.videobrasil.org.br/publicacoes/caderno/02>. Acesso em: 13 fev. 2022.

LARRÉ, L. **Museu Baldio leva arte, inclusão e experimentos de bioconstrução social à Casa de Cultura Mario Quintana**. [Porto Alegre]: Ccqm.com, 18 jul. 2021. Disponível em: <http://www.ccmq.com.br/noticias/649/museu-baldio-leva-arte-inclusao-e-experimentos-de-bioconstrucao-social-a-casa-de-cultura-mario-quintana>. Acesso em: 13 abr. 2022.

LARRÉ, L. **Últimos dias para visitar a Exposição Museu Baldio na CCMQ**. [Porto Alegre]: Ccmq.com.br, 26 ago. 2021. Disponível em: <http://www.ccmq.com.br/noticias/783/ultimos-dias-para-visitar-a-exposicao-museu-baldio-na-ccmq>. Acesso em: 13 abr. 2022.

MARTINS, S. **Projeto Vitrine CCMQ está com inscrições abertas até o dia 21 de março**. [Porto Alegre]: Ccmq.com.br, 24 fev. 2021. Disponível em: <http://www.ccmq.com.br/noticias/555/projeto-vitrine-ccmq-esta-com-inscricoes-abertas-ate-o-dia-21-de-marco>. Acesso em: 06 fev. 2022,

MAXAR TECHNOLOGIES. **Parque da Solidariedade**: Jardim Algarve, Alvorada: CNES, 2022. 1 imagem de satélite, color, 3D. Airbus, Maxar Technologies. Lat. -30.0002, 30° 0' 1" S, 51° 4' 42" W. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-30.040509,-51.0711775,161m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>. Acesso em: 30 de jan. 2022.

MUSEU BALDIO. **Museu vivo, a céu aberto e expandido por artistas, coletivos e espaços**. Alvorada, [201-]. Instagram: @musubaldio. Disponível em: <https://www.instagram.com/museubaldio/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

NOTAS E AGENDA. **Exposição “Museu Baldio” reúne obras de mais de 50 artistas gaúchos na Casa de Cultura Mario Quintana**. [Porto Alegre]: Matinaljornalismo.com.br, 21 jun. 2021. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/rogerlerina/agenda/exposicao-museu-baldio-reune-obras-de-mais-de-50-artistas-gauchos-na-casa-de-cultura-mario-quintana/>. Acesso em: 13/04/2022.

NÚCLEO EDUCATIVO CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA. [Email enviado aos participantes do projeto Pesquisa Coletiva]. Destinatário: Adriano Sempé Pedroso. Porto Alegre, 13 jul. 2021. 1 e-mail.

O PARQUE é o rio. Alvorada: Oblogdoparque.wordpress.com, [201-]. Disponível em: <https://oblogdoparque.wordpress.com/o-parque-e-rio-gravatahy/>. Acesso em: 05 fev. 2022.

PAIM, C. **Táticas de artistas na América Latina**: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados. Porto Alegre: Panorama Crítico Editora, 2012.

PARQUE DA SOLIDARIEDADE. **Parque ecológico, geossítio e museu baldio @museubaldio**. Alvorada, [201-]. Instagram: @parquedasolidariedade. Disponível em: <https://www.instagram.com/parquedasolidariedade/>. Acesso em: 13 abr.2022.

PARQUE da Solidariedade } Museu Baldio. Alvorada, [201-]. Disponível em: <https://oblogdoparque.wordpress.com/>. Acesso em: 30 jan. 2022.

PIRES, S. **Exposição Museu Baldio levou a arte de Alvorada para a Casa de Cultura Mario Quintana**. Porto Alegre: Brasildefators.com.br, 08 out. 2021, 16:29. Disponível em: <https://www.brasildefators.com.br/2021/10/08/exposicao-museu-baldio-levou-a-arte-de-alvorada-para-a-casa-de-cultura-mario-quintana>. Acesso em: 13 abr. 2022.

QUINTANA, M. Das utopias. *In: Espelho Mágico*. Porto Alegre: Editora Globo, 1951.

RAMOS, P. V. Procuram-se pessoas que gostem de Alvorada. *In: LUDEMANN, M.; GASS, A.; WAQUILL, I. (org.). O poder da multiplicação*. Porto Alegre: Instituto Goethe, p. 129-135, 2018

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. 34. ed. São Paulo: EXO experimental org., 2005.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012

REDAÇÃO. **Museu Baldio leva arte, inclusão e experimentos de bioconstrução social à Casa de Cultura Mario Quintana**. Alvorada: Jornalsemana.net, 20 ago. 2021. Disponível em: https://www.jornalasemana.net/noticias/meio_ambiente/museu_baldio_leva_arte_inclusao_e_experimentos_de_bioconstrucao_social_a_casa_de_cultura_mario_quintana/9776. Acesso em: 13 abr. 2022.

SHAPIRO, R. O que é Artificação? **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 135-151, jan./abr. 2007. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5322>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SILVA, G. S. **Arte em partilha**: práticas artísticas colaborativas e participativas na arte contemporânea. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) — Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

APÊNDICE A — Lista de participantes

Lista de **participantes na Exposição Museu Baldio** na Casa de Cultura Mario Quintana (em ordem alfabética), elaborada a partir de publicações na imprensa e consulta a depoimentos dos organizadores disponíveis na internet e também de forma presencial.

Agnes Mariá (ft. Pretana)	Fiapo Soldado	NICA ³⁰
Agnes Steinmetz	FINN	Nicoli Oliveira
Alfamor	Gabriel Goulart	ONG Onédes da Silva
Aline Souza	Gisele Verardi Joaquim	ONG Umbuntu Alvorada
Allan Ruan Oliveira de Oliveira	Graziela Oliveira	Pedro Eugênio (Tio Pedro)
Ana Alexandra	Gregori Silva	Rafael Melo
Andréia Navarro Moreira	Guilherme Lemos	Rádio Comunitária Acácia FM
Andres Montoya	Jacksan	Ricardo Abreu
Anelise Krüger	Jane Becker da Silva	Rodrigo Abrahão
Ário Gonçalves	Janice Martins Appel	Ronaldo Monteiro
Artistas Aqui	Janove	Rubens Steinmetz
Bee Grau	João Marcos Gonçalves	Silmara Zago
Biblioteca da Tia Bibi	Jonatan Tavares	Simone Santos Bueno
Bruna Freitas	Jordano Pinto	Suzana Pires
Bushido	Juliane Baptista	SVQO
Carolina Possa	Julio Reis	Téti Waldraff
Carusto Camargo	Laura Becker	Ursula Steinmetz
Cenira de Fátima Almeida	Liége Ferreira	Valéria Lang
Chris The Red	Lipe MRAP	Vera Junqueira
Chute no Rim	Lucas Schneider	Victoria Cristina
Cláudia Zanatta	Luciana Tubello Caldas	Vitor Dausacker
Cleci Feijó	Luís Ferreira	White Jay
Cleiton Oliveira	Luiz Fernando Lutt Alves	Zone
Cristyelen Ambrozio	Luiza Griebler	
Daisi Becker	Maluza Gonçalves	
Daniela Vigo Amaral	Manuela Finokiet	
David Soares Lopes	Marcelo Bordignon	
Diovany Coutt	Marcelo Chardosim	
Dona Conceição (ft. Bruno Amaral)	Maria Motta	
Dona Mocinha	Mariana Ribeiro	
Dona Vera	Mariana Wartchow	
Douglas Cartagena	Marina Cyrillo	
Duda FRS	Marla Pristch	
Eduardo Fortes Santos	Matheus Becker	
Egídio Tavares	Miragua Freitas da Rosa	
Elis Daiane Pereira de Oliveira	Miriam Fortes Santos	
Fabiano Gonçalves	Moysés Victorino	
Felipe Rosa	Nene (Gabriel Talian)	
Felipe Schulte Quevedo	NH RAP	

30 (Núcleo de Instauração da Cerâmica Artística – composto por: Andreia Navarro, Anelise Krüger, Bruna Freitas, Carusto Camargo, Daniela Vigo, Gisele Verardi Joaquim, Luiza Griebler, Marla Pristch, Moysés Victorino, Silmara Zago, Valéria Lang).

APÊNDICE B — Imagens da Exposição

Imagens da Exposição Museu Baldio em diferentes momentos durante o período de visitação na CCMQ, de 22 de junho a 11 de setembro de 2021.



Foto: Adriano Semp  Pedroso
(30 agosto 2021)



Foto: Adriano Semp  Pedroso
(30 agosto 2021)



Foto: Adriano Sempé Pedroso
(30 agosto 2021)



Foto: Adriano Sempé Pedroso
(30 agosto 2021)

As imagens a seguir foram coletadas no site e nas redes sociais dos projetos, e demonstram distintos momentos da mostra Museu Baldio. No momento em que as imagens foram salvas, não estavam disponíveis os respectivos créditos de autoria.

Para maiores informações, recomendamos o acesso ao site <https://oblogdoparque.wordpress.com/museubaldio/>



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com



Fonte: Oblogdoparque.wordpress.com

APÊNDICE C — Lista de endereços e links relativos aos projetos

Lista de endereços eletrônicos com informações relativas aos projetos Museu Baldio, Parque da Solidariedade e à cidade de Alvorada. Esses endereços foram utilizados para aquisição de informações e noções gerais sobre o objeto de estudo. Ainda assim, essa lista não pretende esgotar – e não esgota – as fontes de informação. Nesse sentido, poderá haver outros sites e fontes que não tenham sido acessados ou localizados por mim, nesta pesquisa.

<https://oblogdoparque.wordpress.com/museubaldio/>

<https://marcelochardosim.wordpress.com/>

<https://marcelochardosim.wordpress.com/textos/>

<https://marcelochardosim.wordpress.com/2018/01/12/parque-da-solidariedade/>

<https://marcelochardosim.wordpress.com/a-ultima-arvore-da-praca-marcelo-chardosim/>

<https://marcelochardosim.wordpress.com/resistencia-por-paula-ramos/>

<https://museubaldio.wordpress.com/quem-somos/>

<https://museubaldio.wordpress.com/alvorada/>

<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/sup/art/21339655.html>

<http://www.ccmq.com.br/noticias/649/museu-baldio-leva-arte-inclusao-e-experimentos-de-bioconstrucao-social-a-casa-de-cultura-mario-quintana>

<http://www.ccmq.com.br/noticias/783/ultimos-dias-para-visitar-a-exposicao-museu-baldio-na-ccmq>

https://www.ufrgs.br/nica/?page_id=4357

<https://ifrs.edu.br/alvorada/comunidade-escolar-participar-de-conversa-sobre-o-parque-da-solidariedade-de-alvorada/>

https://ifrs.edu.br/alvorada/nova-exposicao-na-galeria-aberta-propoe-reflexoes-sobre-as-paisagens-da-cidade-de-alvorada-de-forma-critica-e-engajada/?fbclid=IwAR2myFw3ijXGo938PKlOK1wAliCRLgnNbfZr2n33Rz_38N6zVFUMQjpwQ

<https://www.instagram.com/p/CTizUV0rWo9/>

https://www.instagram.com/p/CTi3DaiML_e/

<https://www.instagram.com/p/CTe575pnz6f/>

<https://www.instagram.com/parquedasolidariedade/>

<https://www.youtube.com/channel/UCSdtT5YXqxSUqtRI4-OWvrw>

<https://www.youtube.com/watch?v=NFV3aCQZIN8>

<https://pesquisandocidades.blogspot.com/2016/12/alvoradars-capital-da-solidariedade.html>

<https://www.yumpu.com/pt/document/view/13000733/diagnostico-ambiental-faurgs-alvorada>

<https://www.extraclasse.org.br/edicoes/marco-6/>

<https://www.brasildefatores.com.br/2021/10/08/exposicao-museu-baldio-levou-a-arte-de-alvorada-para-a-casa-de-cultura-mario-quintana>

https://www.jornalasemana.net/noticias/meio_ambiente/museu_baldio_leva_arte_inclusao_e_experimentos_de_bioconstrucao_social_a_casa_de_cultura_mario_quintana/9776

https://www.jornalasemana.net/noticias/cultura/museu_baldio_%E2%80%93_parque_da_solidariedade_promove_mostra_independente_de_cinema_no_jardim_algarve/10138

<https://oalvoradense.com.br/alvorada-e-tema-de-exposicao-em-porto-alegre/>

<https://www.matinaljornalismo.com.br/rogerlerina/agenda/exposicao-museu-baldio-reune-obras-de-mais-de-50-artistas-gauchos-na-casa-de-cultura-mario-quintana/>

ANEXO A — Lista geral de participantes nos projetos

Lista de artistas, grupos de artistas e não-artistas, e também entidades participantes. Pessoas envolvidas diretamente ou indiretamente em alguma das ações do Museu Baldio ou em alguma das ações desenvolvidas ou relacionadas ao Parque da Solidariedade ao longo do tempo.

Esta lista foi publicada em março de 2022, como uma atualização do site <https://oblogdoparque.wordpress.com/acervo/> (último acesso em 26 de março de 2022).

Diferente do que está disponível no site, aqui estão apresentados somente os nomes em ordem alfabética. Para maiores informações sobre as ações realizadas ou para visualizar os nomes agrupados e relacionados a cada ação desenvolvida, sugere-se o acesso ao endereço acima.

Adriana Donato	Cláudia Zanatta	FINN
Adriana Monteiro	Cleci Feijó	Gabriel Goulart
Agnes Mariá (ft. Pretana)	Cleiton Oliveira	Gisele Verardi Joaquim
Agnes Steinmetz	Cristyelen Ambrozio	Graziela Oliveira
Alfamor	Daisi Becker	Gregori Silva
Aline Souza	Daniela Vigo Amaral	Guilherme Lemos
Allan Ruan Oliveira de Oliveira	David Soares Lopes	Guilherme Leon
Ana Alexandra	Diovany Coutt	Horta Porto Mais Verde
Ana Flávia Baldisserotto	Domingo Mestre	Irene Jarau
Ana Maria Lemanski	Dona Conceição (ft. Bruno Amaral)	Jackson
Ananda Mida	Dona Mocinha	Jane Becker da Silva
André Luis Correa	Dona Vera	Janice Martins Appel
Andréia Navarro Moreira	Douglas Cartagena	Janove
Andres Montoya	Duda FRS	João Marcos Gonçalves
Anelise Krüger	Eduardo Fortes Santos	Jonatan Tavares
Ário Gonçalves	Egídio Tavares	Jordano Pinto
Artistas Aqui	Eleazar Santini Comoreto	Juliane Baptista
Bee Grau	Elias Maroso	Julio Reis
Biblioteca da Tia Bibi	Elina Chauvet	Júnior Caminhoneiro
Bruna Freitas	Elis Daiane Pereira de Oliveira	Laura Becker
Bushido	Fabiano Gonçalves	Liége Ferreira
Calactuze	Felipe Caldas	Lipe MRAP
Carolina Possa	Felipe Rosa	Lucas Kaminski
Carusto Camargo	Felipe Schulte Quevedo	Lucas Schneider
Cenira de Fátima Almeida	Fernanda Pujol	Luciana Tubello Caldas
Chris The Red	Fiapo Soldado	Luís Ferreira
Chute no Rim		Luiz Fernando Lutt Alves

Luiza Griebler
Maluza Gonçalves
Manuela Finokiet
Mara Arrieira
Marcelo Bordignon
Marcelo Chardosim
Marcelo Menna Barreto
Maria Motta
Maria Paula Recena
Mariana Ribeiro
Mariana Wartchow
Marina Cyrillo
Marla Pristch
Matheus Becker
Michel de Oliveira
Miragua Freitas da Rosa
Miriam Fortes Santos

Moysés Victorino
Nene (Gabriel Talian)
NH RAP
NICA
Nicoli Oliveira
ONG Onédes da Silva
Pablito Aguiar
Paulo Jazzin
Pedro Eugênio (Tio Pedro)
Projeto Livro de Presença
Rafael Melo
Rádio Comunitária Acácia FM
Ricardo Abreu
Rodrigo Abrahão
Rodrigo Schim (Sec. do Meio
Ambiente)
Ronaldo Monteiro

Rubens Steinmetz
Sandro Ka
Silmara Zago
Simone Santos Bueno
Suzana Pires
SVQO
Téti Waldraff
Umbuntu Alvorada
Ursula Steinmetz
Valéria Lang
Valmor Perla
Vera Junqueira
Victoria Cristina
Vitor Dausacker
Viviane Gomes
White Jay
Zone